

cipação do outro, no sentido de decidir sobre diferentes alternativas. O autoritarismo consiste em submeter a vontade de quem obedece à vontade de quem comanda. Os indivíduos passam a interiorizar a vontade, o querer de um outro. Esse querer não é mais o meu querer, passa a ser o querer dele. Isso Marx chamou de alienação, o processo pelo qual um indivíduo age, pensa, sente, fala conforme os parâmetros e interesses ditados por um outro (Marx in Fromm, 1975. p. 82-170).

O autoritarismo destitui do sujeito o poder de ele decidir sobre sua própria vida e as alternativas que ele possa ter. Ele tem que cumprir determinadas ordens. Ele não decide sobre sua própria vida; não é mais agente de transformação da sua própria vida.

No meu entender o autoritarismo passa a ser uma arma usada socialmente no sentido de combater, retardando tentativas de libertação dos indivíduos; passa a ser uma espécie de muralha, uma construção social que impede uma relação livre conforme Michel Lobrot (1977).

Esse tipo de relação autoritária traz implicações desastrosas na produção de um povo, já que o autoritarismo se alastra da família às relações de trabalho.

Se o autoritarismo está presente na prática da Educação Física, portanto na escola, como poderei criar óbices a essas relações se a escola revela relações sociais mais amplas? Como poderei estabelecer relações sociais livres se apenas foco a Educação Física no contexto da observação? No meu entender, se as representações autoritárias determinadas através da prática da Educação Física não forem entendidas através das representações sociais mais amplas, poderemos — quem sabe, mais uma vez — entender a Educação Física de uma forma corporativa, deixando, dessa forma, de perceber o processo educativo que, mesmo tendo a sua especificidade, não deixa de se relacionar com o todo.

A desmistificação de uma relação de dominação

passa inicialmente pela detecção da sua presença no cotidiano. Para que se desmistifiquem determinadas representações autoritárias no seio da sociedade, ou mesmo na prática da Educação Física, exige-se, inicialmente, que fique bastante claro como os indivíduos representam o autoritarismo no seu cotidiano através da Educação Física. Talvez aí esteja uma das implicações que os pesquisadores venham investigar, visto que, na Educação Física, as pesquisas têm partido das representações existentes, e não de como são determinadas essas representações. No meu entender, as propostas deverão tentar investigar a pré-elaboração do autoritarismo no sentido de criar óbices às suas representações.

No meu entender uma proposta pedagógica que contemple uma educação para a negociação passa necessariamente por relações pedagógicas onde o autoritarismo seja inibido, onde as relações de autoridade se façam pelo respeito, pelas estratégias, pelas trocas, pelas negociações que se estabelecem entre as partes. A autoridade passa a ser o resultado das negociações que se estabelecem entre as partes. Com isso criam-se óbices às relações autoritárias, desmistificando uma relação de dominação.

BIBLIOGRAFIA

- FERNANDES, FLORESTAN — (1979) — Apontamentos sobre a "Teoria do Autoritarismo". São Paulo. Hucitec.
- FERREIRA, NILDA TEVES — (1990) — Apontamentos de aula. Filosofia da Educação. Mestrado, Universidade Gama Filho
- FROMM, ERICH — (1964) — Concelto Marxista do Homem. Rio de Janeiro. Zahar Editores.
- LOBROT, MICHEL — (1977) — A Favor ou Contra a Autoridade. Rio de Janeiro. Francisco Alves.
- POLITZER, GEORGES — (1967) — Princípios Fundamentais de Filosofia. São Paulo — Fulgor.

ACADEMIA PÚBLICA E GRATUITA

*Nelson de Oliveira Manguiera **
*Maurício Roberto da Silva ***

I — INTRODUÇÃO

Ao escrever este ensaio, parto da perspectiva de que a Academia é uma instituição burguesa

que passa valores, normas e crenças da classe dominante e que tem, em seu seio, as contradições da sociedade capitalista. Contradições essas que

* Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física

** Orientador — Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe

fazem surgir brechas que podem ser ocupadas por aqueles que optaram pela libertação da classe trabalhadora, cuja exploração é produzida pela relação capital e trabalho. Nesse sentido, concordo com MEDINA, quando afirma que "(...), a sociedade brasileira vive certas contradições: compreendê-las é um passo no sentido de encontrarmos brechas na busca de outras contradições, menos desumanas. Tais brechas podem ser encontradas na Igreja, na Escola, no Partido, no Sindicato, no Esporte, na Família, no corpo..."¹ e, aqui, eu acrescentaria na Academia.

Se considerarmos a Academia como instituição que passa predominantemente a Ideologia dominante, aqui entendida como "conjunto de representações, valores e crenças (valores simbólicos) que procura ocultar as contradições ou mascarar as relações reais de existência, exerce seu papel por intermédio de diversos canais institucionalizados de estrutura política, social e econômica da sociedade",² estaria implícita a circulação da contra-ideologia, o que geraria as contradições. Desta forma, torna-se necessária uma reflexão das Academias, enquanto locais onde são praticadas as diversas atividades corporais; como estas vêem o corpo, e, ainda, que camadas da sociedade utilizam os seus serviços, o que contribuiria para a melhor forma possível de perceber e atuar sobre a mesma ou de reproduzir a ideologia dominante.

II - ACADEMIA É LOCAL DE CULTUAR O CORPO OU DE PRODUZIR CONHECIMENTO?

Academia não seria o nome mais adequado para designar aquele local onde se cultua o corpo, pois, para Platão, fundador da primeira "instituição permanente do mundo ocidental"³, esta seria o local "voltado para pesquisa original e concebida como conjugação de esforço de um grupo que vê no conhecimento algo vivo e dinâmico e não um corpo de doutrinas a serem simplesmente resguardadas, e transmitidas"⁴. Desta forma, creio que o único local, nas sociedades ocidentais, que atenderia a tal conceito seriam as Universidades e, no caso do Brasil, as públicas.

Ao considerar a Universidade Pública como uma Academia nos moldes dados por Platão, venho a concordar com a análise feita por CASTELLANI, em que ele coloca Instituição Privada, no campo educacional, como sendo "aquela que tenha um fim lucrativo, de rendimento, de capitalização" e Instituições Públicas como sendo aquelas "que não se destinam à aferição de lucros", competindo a estas produzir conhecimentos", e àquela "reproduzi-los"⁵.

E por que não considerar o local de cultuar o corpo como Academia? Porque considero estes locais como estabelecimentos privados, onde são vendidos serviços diversos (sauna, massagem, etc.), material que serve para apresentar o corpo saudável (roupa, tênis, etc.), e, principalmente, técnicas dos mais variados tipos de movimentos. Aqui concordo com a afirmação de CAPINUSSU: "Instalar uma Academia é o mesmo que montar uma casa comercial. Serão vendidas técnicas de lutas, técnicas de ginástica, técnicas de dança, porém, impregnando essas vendas de um requinte especial: vai-se vender, educando. Trata-se, portanto, de um comércio diferente"⁶. Como um empreendimento comercial, a Academia (Instituição Privada Doutrinária) estaria reproduzindo conhecimento vivo e dinâmico, elaborado pela verdadeira Academia (Instituição Pública).

Mais uma vez voltamos à discussão de reprodução da ideologia dominante ou do aproveitamento das brechas, quando lembramos que o conhecimento produzido na academia tem o sentido, segundo MARTINS APUD CASTELLANI "da manutenção da cultura dominante"⁷. No sentido oposto, segundo LIBÁNEO, "estes conhecimentos são reproduzidos historicamente na relação entre classes sociais"⁸.

III - A "ACADEMIA" E A CONSTRUÇÃO DO "CORPO-OBJETO"

Gostaria de discutir, agora, a prática do profissional que está ministrando as aulas no local de cultuar o corpo. Segundo LIBÁNEO, por trás da prática do educador "vai haver condicionamento sócio-político que configuram diferentes concepções de Homem e de Sociedade"⁹. Quanto a quem

1 João Paulo S. MEDINA, O Brasileiro e Seu Corpo, p. 26.

2 Idem, p. 43.

3 Vitor Marinho OLIVEIRA, Ginástica para Almas, Música para o Corpo.

4 Idem p. 118.

5 Heloisa T. BRUHNS (ORG), Conversando Sobre o Corpo, p. 103.

6 José Maurício CAPINUSSU, Da Organização à Administração da Academia. Revista SPRINT. Ano III, nº 5, p. 243.

7 Heloisa T. BRUHNS (ORG), Conversando Sobre o Corpo, p. 103.

8 José C. LIBÁNEO, Democratização da Escola Pública: A Pedagogia Crítico-Socia dos Conteúdos, p. 14.

9 Idem, p. 19.

está ministrando estas aulas, pode-se observar que as visões de Homem e Sociedade vão estar embutidas na concepção deste profissional. Como vejo a Academia como um empreendimento comercial, a prática profissional, as técnicas etc. são mercadorias consumidas por aqueles que as procuram, daí a minha afirmação de que estas práticas são doutrinárias e reprodutoras de conhecimento.

Nesse sentido é que nosso corpo vai ser modelado (educado) conforme os valores e costumes da nossa sociedade. Segundo FOUCAULT APUD LENHARO: "se considerarmos todas as modelações que sofre, constataremos que o corpo é pouco mais que uma massa de modelagem à qual a sociedade impõe formas segundo suas próprias disposições: formas nas quais a sociedade projeta a fisionomia do seu espírito"¹⁰.

Assim é que, para compreendermos melhor as atividades praticadas pelo corpo, que corpo será formado nestes locais, seria necessário caracterizarmos nossa sociedade. Segundo JAGUARIBE, o modo de produção capitalista "gerou uma sociedade que se caracteriza pela maior discrepância existente no mundo entre seus indicadores econômicos e sociais", e, ainda, deste modo de produção surgiu "uma inviolável dicotomia entre uma parte minoritária da produção que opera uma moderna sociedade industrial e nela vive integrada (...) e uma parcela majoritária, tanto rural como urbana, que vegeta, em condições miseráveis ou extremamente pobre"¹¹. Ou seja, seria uma sociedade capitalista dividida em classes, que prega o lucro, a competição, a produtividade, o individualismo etc., onde o Estado se apodera dos aparelhos ideológicos (meios de comunicação, escolas etc.) para produzir e/ou reproduzir a cultura dominante.

É desta forma que entendo a prática do profissional destes locais: eles estão educando o corpo para defender o capital, negando as contradições reais de existência dos indivíduos através de uma educação acrítica, alienante e reprodutora da ideologia, ou seja, estão formando corpos dóceis. Para FOUCAULT, um corpo dócil seria "um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado"¹² e que vai ser formado a partir do "momento em que

nasce uma arte do corpo, que visa não unicamente ao aumento de suas habilidades, nem tampouco a aprofundar a sujeição, mas à formação de uma relação que, no mesmo mecanismo torna-o tanto mais obediente quanto mais útil e inversamente"¹³. A Idéia de Homem, passada nesses locais, é a de um Homem "forte, ativo, produtivo, massa bruta, destituída de consciência crítica"¹⁴; um Homem "que escravizamos no trabalho e o libertamos para o consumo"¹⁵. Ou ainda, um "Homem que se sente animal ao exercer atividades humanas — seu trabalho — e humano quando exerce funções comuns a qualquer animal — comer, dormir e forçar"¹⁶ e, finalmente, um Homem que considerará a sociedade como uma coisa estática, fechada para transformação.

É nesse contexto que vão surgir locais e discursos que possibilitam a venda dos mais variados tipos de técnicas de movimento, material de utilidade e serviços diversos. Todo esse arsenal destina-se à produção de um corpo belo, "saudável", um corpo — objeto. Nas palavras de MEDINA, "o corpo virou fetiche, e no modelo de sociedade em que vivemos, o fetiche sempre vira mercadoria, e é por aí que ele entra no mercado".

IV — ACADEMIA: LOCAL DE PEQUENO BURGUES PARA CULTUAR SEU CORPO.

O "corpo-objeto", produzido pelas academias, é consumido por uma camada social específica, considerada por MEDINA¹⁷ pela sua "peculiaridade contraditória, que, apesar de constituir-se verdadeiramente numa classe dominada, não só por assumir inteiramente a ideologia daqueles que dirigem o país, mas sobretudo, por possuírem melhores condições materiais em relação aos estratos economicamente inferiores"¹⁸, isto é, a Pequena Burguesia (classe média).

Para compreendermos a contradição da Pequena-Burguesia seria necessário entendermos a dicotomia existente entre trabalho e lazer e Segundo CODO E SENNE, "o trabalho se espelha para fora de si mesmo, impõe o lazer como seu outro,

¹⁰ Alcir LENHARO, *Socialização da Política*, p. 75 e 76.

¹¹ João Paulo MEDINA, *O Brasileiro e o seu corpo*, p. 91.

¹² Michel FOUCAULT, *vigiar e punir*. História da Violência nas prisões, p. 126.

¹³ Michel FOUCAULT, *Vigiar e Punir*. História da Violência nas prisões p. 127

¹⁴ Luiza M. RAGO e Eduardo F.P. MOREIRA, *O Que é Taylorismo*, p.37

¹⁵ Wanderley CODO e Wilson A. SENNE, *O Que é Corporatista* p. 32

¹⁶ Idem, p. 13

¹⁷ João Paulo S. MEDINA, *O Brasileiro e seu corpo*, p. 91

¹⁸ Idem, p. 92

obriga o lazer a reinventá-lo"¹⁹. Assim, para eles, se olhássemos para o lazer das diversas categorias de trabalhadores e as diferenças de classes sociais, observaríamos que elas vão alternar seu trabalho com as atividades que venham a reinventar sua parte humana, de forma livre, saciando o seu desejo de criar, logo, atividades semelhantes a seu trabalho.

Assim é que o proletário ocupa o seu tempo livre, "produzindo em casa, orgulha-se de sua habilidade (...) organiza-se para o carnaval, para o futebol, repõe o controle que perdeu no trabalho através de instrumentos que têm a arte da produção do saber fazer". O burguês, "patrão", sempre se apropria: coleciona quadros, antiguidades, compra quadros, patrocina artistas, ou seja, toma para si a História do Mundo"; o pequeno - Burguês que, "sem se realizar quer como realizador (proletário), quer como apropriador (Burguês)", tende a cultivar o corpo, ou seja, "cuida de sua aparência, da sua estética, de sua postura, de uma aparência saudável e atlética"²⁰.

V - CONCLUSÃO

Pelo exposto, quero concluir dizendo que local de cultivar o corpo passará os valores e normas da classe dominante, que este mesmo lugar será freqüentado pela pequena-burguesia, que no momento de reorganização e reafirmação da burguesia no poder, vai-se aproximar do proletariado, demonstrando a este classe social sua situação de exploração, submissão e dominação pela burguesia, criando dessa maneira as brechas que tanto procuramos para pregar a contra-ideologia.

VI - BIBLIOGRAFIA

- BRUHNS, Heloisa T. (org). *Conversando sobre o corpo*. 2ª ed., Papirus, Campinas, 1986.
- CAPINUSSU, José M. *Da organização à administração de academia*. Sprint Ano II - nº 5, p. 242. Rio de Janeiro, 1984.
- CODO, Wanderley e SENNE, Wilson A. *O que é Corpolatria?* 2ª ed. Brasiliense, São Paulo, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 4ª ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1986
- GAIRSA, José A. *O que é corpo?* 2ª ed. Brasiliense, São Paulo, 1986.
- LENHARO, Alcir. *A socialização da política*. Papirus, São Paulo, 1986
- LOURAL, Rene. *Análise institucional*. 1ª ed. Vozes Petrópolis, 1975.
- LIBÂNEO, José Carlos. *A Democratização da escola pública: Pedagogia crítica-social dos conteúdos*. 8ª ed. Layda, São Paulo, 1989.
- MEDINA, João Paulo S. *O Brasileiro e seu corpo*. 1ª ed. Papirus, Campinas, 1987.
- MOREIRA, Eduardo F. P. e RAGO, Luiza M. *O que é Taylorismo?* 2ª ed. Brasiliense, São Paulo, 1984.
- MOTRIVIVÊNCIA. ANO III - Nº. Aracaju, Janeiro de 1990.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho. "Ginástica para a alma, música para o corpo". *Revista do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte*, Vol. 8, nº 1, p. 118 a 123. São Paulo, 1986.

UMA CRÍTICA FENOMENOLÓGICA AO POSITIVISMO *

*Manuel Sérgio Vieira e Cunha ***

A escola filosófica, que saúda em Edmundo Husserl (1859-1938) o seu progenitor, e conhecida pela denominação de **Fenomenologia**, pode entender-se como a mais forte e acirrada crítica já um dia dita desferida contra a visão positivista das ciências. Com uma certa mesura e o necessário rigor, passo a expor as teses, que se me afiguram fundamentais, da **Fenomenologia**:

1. A Fenomenologia consiste, antes de mais, numa atitude intelectual de extrema atenção ao que se "manifesta" (**phainomenon**) à consciência do fenomenólogo.
2. O que é **dado** à consciência vale como um **objeto**, acerca do qual é lícito formular enunciados e pretender alcançar conhecimento.

¹⁹ Wanderley CODC, Wilson A. SENNE, *O que é Corpolatria?* p. 37

²⁰ Idem, p. 40

* Comunicação apresentada nas Jornadas Internacionais de Medicina do Desporto-Clube de Futebol "Os Belenenses", em 30/11/90 - Portugal.

** Professor da Faculdade de Motricidade Humana - Universidade de Lisboa.